

VISÃO DO CORREIO

É preciso não repetir o passado na energia

Abertura do mercado de energia brasileiro, historicamente estruturado para um ambiente regulado, para o regime de contratação livre, trouxe ganhos para grandes consumidores, que reduziram o custo com um dos principais insumos, e para os investidores que apostaram nas novas fontes de energia. Hoje, o mercado livre de energia responde por mais de 40% da demanda de eletricidade do país, atendendo a apenas 40 mil consumidores, enquanto 89 milhões ainda estão no mercado regulado. Quem contrata energia no mercado livre não arca com todos os custos que recaem sobre o regulado, como taxas e contribuições para a universalização do atendimento dos brasileiros, fontes inovadoras e desenvolvimento do setor elétrico, incluindo a contratação de termelétricas, com custo maior de geração.

Esse quadro empurrou descontos para os consumidores industriais, comerciais e dos setores de serviços e agronegócio e deixou as despesas sobre os clientes residenciais e as micro e pequenas empresas. Quanto mais consumidores passarem para o mercado livre, maiores serão os custos sobre as tarifas do mercado regulado, onde não há a possibilidade de troca de fornecedor. O resultado dessa equação é o aumento na conta de luz sempre embutindo essa distorção. Esse é um problema que acendeu o alerta no governo federal, que tem propostas para baixar o custo da energia.

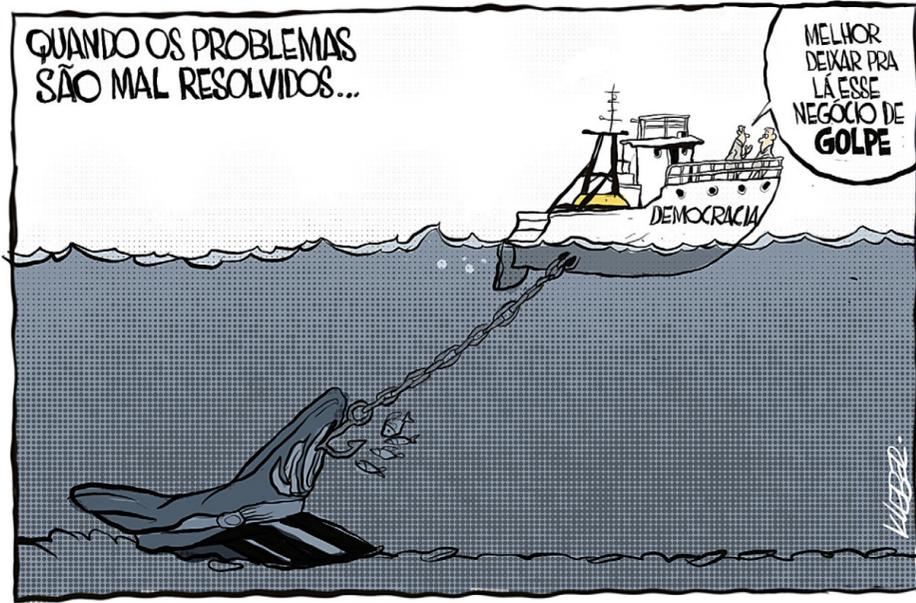
Há três opções apresentadas pelo Ministério de Minas e Energia. Antes de falar sobre as medidas é preciso fazer a ressalva que, no passado recente, a intromissão do governo no setor elétrico para baixar as tarifas deixou perdas para as empresas e não surtiu o efeito desejado no médio prazo. Em 2013, a então presidente Dilma Rousseff resolveu baixar a conta na caneta. Antecipou a renovação das concessões dos ativos das empresas

de energia, que, em troca, reduziram a tarifa da eletricidade.

Naquele ano, a energia teve redução de 15,66%, mas no seguinte a seca esvaziou os reservatórios das hidrelétricas e obrigou o acionamento das termelétricas, pressionando o valor da energia. Resultado, de janeiro de 2014 a fevereiro de 2017, a tarifa de energia subiu 57,46%. Essa é uma lição que custou caro para os consumidores e para as empresas do setor elétrico — a Cemig, concessionária de energia de Minas, perdeu cerca de 50% da sua capacidade de geração por não aderir à renovação antecipada.

O governo está certo em buscar uma saída para esse quadro de custo maior para os consumidores do mercado regulado em detrimento de incentivos concedidos às fontes de energia que atendem ao mercado livre, mas é preciso que tenha cautela para não gerar uma solução de curto prazo, com impacto sobre as tarifas de forma conjuntural, e não estrutural e duradoura. Além disso, é preciso ser feito de forma a não encarecer a energia para os consumidores do mercado desregulado. Outro ponto que deve ser considerado é a previsão de abertura do mercado para que todos os consumidores tenham acesso à liberdade de escolher o fornecedor até 2030.

Na mesa do governo, estão a possibilidade de uso dos recursos dos leilões de petróleo da Pré-Sal Petróleo SA (PPSA), a equalização de custos entre o mercado livre e o mercado regulado e a utilização do Orçamento da União. Também está bem encaminhada a proposta de usar recursos da privatização da Eletrobras e dos programas de Pesquisa e Desenvolvimento e de Eficiência Energética da Aneel para a redução de custos na conta de luz. Há medidas em discussão e a redução no custo da energia é tudo o que se deseja, mas exige cautela para que não se repitam erros do passado.



» Sr. Redator

» Cartas ao Sr. Redator devem ter, no máximo, 10 linhas e incluir nome e endereço completo, fotocópia de identidade e telefone para contato. E-mail: sredat.df@dabr.com.br

João Paulo II

A morte de João Paulo II, um dos papas mais populares da história recente da Igreja Católica, completa 19 anos. Hoje santo, o polonês Karol Wojtyła ocupou o Trono de Pedro entre outubro de 1978 e abril de 2005, em um pontificado que durou 26 anos e meio, o terceiro maior da história. Ele foi sucedido por Bento XVI.

» José R. Pinheiro Filho
Asa Norte

Faixa de pedestre

Na semana em que se comemora 27 anos do respeito à faixa de pedestre no DF, bem que o Detran poderia ensinar aos ciclistas que usam a pista do anel externo do Parque da Cidade a respeitá-la também. Uma idosa já faleceu, atropelada por um ciclista, e todos os dias presenciamos uma aberração desumana, onde um bando de ciclistas, talvez sob o pretexto de estarem treinando, simplesmente ignoram a obrigação de dar preferência ao pedestre, e, aos gritos, “avisam” que não vão parar na faixa, passando em alta velocidade. Coitado do pedestre que confia nos ciclistas e se aventura na travessia! E se for deficiente auditivo? Com certeza será atropelado! Já não basta o Detran destinar uma faixa só para eles? Por que se arvoram no direito de desrespeitar a lei, expondo o pedestre a riscos desnecessários? Não se pode continuar permitindo tal abuso! Ali não é pista de ciclismo, e sim, uma via pública, com outros usuários. Querem treinar em alta velocidade, livremente, que escolham outro lugar, o autódromo, por exemplo. Com a palavra as ONGs defensoras dos ciclistas, tipo Rodas da Paz, e o Detran, que faz vista grossa!

» Antonio Anaissi
Vicente Pires

Gestação e parto

Oportuna e pertinente a carta de um leitor (1º/4), assim como o artigo que lhe deu origem, da senhora Maria Paula (31/3), acerca do ato de dar à luz. Há uma imposição social e médica contra esse ato ancestral natural, que ora é tratado como ato médico, e até mesmo como uma espécie de patologia. O Brasil é líder em cesarianas no mundo, a maioria desnecessária. Países nórdicos e orientais, em especial, têm um índice de mais de 90% de partos domiciliares, sem a presença médica, apenas com doulas e obstetizas. Mas são as mulheres que estão aceitando, e até optando, por essas imposições, que trazem inúmeros prejuízos à vida futura do bebê, da mãe e da sua relação, como bem aborda o mencionado artigo. O processo atual de condução médica do parto apresenta várias distorções e erros absurdos, minorados no chamado parto humanizado, mas ainda existentes. O principal, o ambiente hospitalar, é completamente inadequado ao evento, a não ser em casos especiais. Para mudar essa situação, é necessária uma preparação antecipada muito bem conduzida, envolvendo alimentação física e mental, assim como no modo de vida. Recomendo a leitura dos livros *Parto Natural e Independente*, de Tomio Kikuchi, e *Nascer Sorrindo*, do obstetra Frederick Leboyer, em que eles propõem um método natural, de forma até poética, baseado em vivências com povos primitivos. Lembra ainda que a raiz semântica da palavra educar, traz o significado de dar à luz, amamentar. Nossos cinco

Desabafos

» Pode até não mudar a situação, mas altera sua disposição

Homicídio culposo: está liberado o “Porsche” de arma para ricos.

Vital Ramos de V. Júnior — Jardim Botânico

Ricaço dirige em alta velocidade mata motorista de Uber e fica solto. Pobre faminto que furta bolo em mercado é julgado e condenado à prisão. Isso é a Justiça brasileira.

Joana Martins — Asa Sul

PM do DF imita colegas do Rio de Janeiro e chuta mulher caída no chão. Agora, só falta matar pessoas negras.

Joaquim Honório — Asa Sul

Ora, ora, ministro Gilmar, se parece tão óbvio, por que tanta celeuma?

Vamos mudar esse artigo 142 da CF, de modo a ficar claro: a ordem interna é com as polícias militar e civil. A desordem externa, é com as Forças Armadas: Exército, Marinha e Aeronáutica. E fim de papo furado!

Hercílio Moreira — Brasília

filhos nasceram sorrindo, no lar, alguns deles em condições extremamente simples, o que nos deu condições de admirar em plenitude essa inolvidável e maravilhosa aventura de vir ao mundo, com o seu protagonista em êxtase.

» Humberto Pellizzaro
Asa Norte

Gasolina

O preço do litro de gasolina está próximo a R\$ 6 na maioria dos postos de combustíveis do Distrito Federal. O valor começa a incomodar o bolso dos proprietários de veículos e, não há a menor dúvida, que é uma das causas do aumento do preço de frutas, legumes, cereais e tantos outros produtos de primeira necessidade. O prejuízo de R\$ 50 bilhões da Petrobras não foi causado pelos brasileiros, mas por motivos outros, sem cumplicidade da sociedade. Estamos cansados de ouvir explicações de que é necessário acompanhar o preço internacional do barril de petróleo. Aqui tem petróleo demais. Cabe à Petrobras e ao governo, acionista majoritário da estatal, refinar o petróleo no país e garantir preços adequados ao bolso dos brasileiros. Só isso, e nada mais.

» Jurandyr Cunha
Núcleo Bandeirante



RODRIGO CRAVEIRO
rodrigocraveiro.df@dabr.com.br

Chega de atrocidades!

Sincero pesar. Foi o sentimento expressado pelas Forças de Defesa de Israel depois que assassinaram sete trabalhadores humanitários da organização não governamental World Central Kitchen, na Faixa de Gaza. Nenhuma palavra de lamento pelas mortes de 30 mil palestinos — em sua maioria, homens de bem, mães e crianças. O silêncio de Israel é ensurdecador. Querer fazer acreditar que o Hamas fez todas essas vítimas de escudos humanos — e que, portanto, o resultado era previsível — beira o ridículo. A comunidade internacional tem o dever moral de intensificar a pressão por um cessar-fogo e de exigir a responsabilização do primeiro-ministro Benjamin Netanyahu e de seus comandantes. O atentado horrível de 7 de outubro, um verdadeiro massacre no sul de Israel, foi produto de uma falha gritante de inteligência. No topo do poder, Netanyahu tem que ser o primeiro investigado e cobrado. Aliás, ele argumentou que o bombardeio aos voluntários da World Central Kitchen “não foi intencional” e que coisas assim “acontecem” na guerra.

Como escrevi nesta coluna, o ataque do Hamas, seis meses atrás, foi uma atrocidade injustificável e indefensável. Terrorismo. Ponto final. Mas a retaliação desmedida de Israel tem alvejado inocentes, assim como o Hamas fez. O argumento de que o Exército judeu atua na mera defesa de seu território e de seu povo, ao despejar milhares de bombas sobre a Faixa de Gaza, é incoerente e nefasto. Na era tecnológica, tanto o Hamas quanto as Forças de Defesa de Israel usam o massacre como propaganda de guerra. Um vídeo

divulgado recentemente mostra palestinos caminhando em uma rua. Pouco depois, são atingidos em cheio por um míssil. Tudo o que se vê nas imagens são pedaços de corpos voando. Em outro vídeo, um grupo de palestinos tenta alcançar o norte de Gaza andando pela praia. De repente, os civis são atingidos por tiros e tombam, mortos. Uma retroescavadeira do Exército israelense os sepulta ali mesmo.

Nenhum povo civilizado deveria defender a ofensiva israelense como uma licença para matar. O que ocorre em Gaza, que sempre foi uma prisão a céu aberto, não é mais uma legítima retaliação a uma agressão covarde e monstruosa. Tornou-se vingança. E atos de vingança, em uma região tão volátil quanto o Oriente Médio, apenas fomentam mais ódio, mais sede de vingança e mais horror. Estive em Israel por duas vezes. Conheci um povo cordial e hospitaleiro. Também mantive contato com palestinos, ao longo desses 19 anos como profissional do **Correio**, completados amanhã. Eles anseiam por um Estado independente, soberano e livre, sem ameaça das armas.

A comunidade internacional tem a obrigação moral de exigir um basta nessa loucura e impulsionar um plano de paz definitivo, que leve à imediata criação de um Estado palestino. Somente quando os palestinos tiverem uma nação soberana e independente haverá paz. É preciso que judeus e árabes façam concessões históricas, se desejam ter um futuro sem horror. É preciso que façam sacrifícios em nome da segurança de seus próprios filhos.

CORREIO BRAZILIENSE

“Na quarta parte nova os campos ara E se mais mundo houvera, lá chegara”
Camões, e, VII e 14

GUILHERME AUGUSTO MACHADO
Presidente

Leonardo Guilherme Lourenço Moisés
Vice-Presidente executivo

Ana Dubeux
Diretora de Redação

Valda César
Superintendente de Negócios e Marketing

VENDA AVULSA

Localidade	SEG/SÁB	DOM
DF/GO	R\$ 4,00	R\$ 6,00

Assine

(61) 3342.1000 - Opção 01 ou (61)99966.6772 Whatsapp

* Preços válidos para o Distrito Federal e entorno.

Consulte a Central de Relacionamento (3342-1000) ou (61)991.58.8945 Whatsapp, para mais informações sobre preços e entregas em outras localidades, assim como outras modalidades e formas de pagamento. Assinaturas com forma de pagamento em empenho terão valores diferenciados. Aquisição de assinaturas para atendimento de demanda de licitação é sob consulta. Preços válidos para até 10 (dez) assinaturas por CPF ou CNPJ.

Anuncie

Publicidade: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp
Publicidade legal: (61) 3214.1245 ou (61) 98169.9999 Whatsapp
Classificados: (61) 3342.1000 ou (61) 98169.9999 Whatsapp

ASSINATURAS*

SEG a DOM

R\$ 899,88

360 EDIÇÕES

(promocional)

S.A. CORREIO BRAZILIENSE - Administração, Redação e Oficinas Edifício Edison Varela, Setor de Indústrias Gráficas - Quadra 2, nº 340 - CEP 70610-901. Rede Interna: 3214.1078

- Redação: (61) 3214.1100; Comercial: (61) 3214.1339 ou (61) 99555.2585 Whatsapp.



Endereço na Internet: <http://www.correioweb.com.br>
Os serviços noticiosos e fotográficos são fornecidos pela AFE Agência Estado e DA Press. Tel: (61) 3214-1131

DIÁRIOS ASSOCIADOS DA

DA Press Multimídia
Atendimento pessoalmente para pesquisa em jornais e cópias:
SIG Quadra 2, nº 340, bloco I, Subsolo - CEP: 70610-901 - Brasília - DF; de segunda a sexta, das 9h às 18h.

Atendimento para venda de conteúdo:
Por e-mail, telefone ou pessoalmente: de segunda a sexta, das 9h às 22h/
sábados, das 14h às 21h/ domingos e feriados, das 15h às 22h.
Telefones: (61) 3214.1575 / 1582 / 1568.
E-mail: dapress@dabr.com.br Site: www.dapress.com.br